

4

Análise dos Dados

“Você não pode ensinar nada a um homem; você pode apenas ajudá-lo a encontrar a resposta dentro dele mesmo”.

Galileu Galilei¹

É sabido que, além das propriedades formais e das regras exigidas pela língua, é importante estabelecer relações entre linguagem e mundo. Este capítulo que se inicia é dedicado à análise dos adjetivos que, em função adnominal, apresentam mudança semântica, de acordo com seu posicionamento na estrutura frasal. Esta análise, que não tem a pretensão de ser definitiva, discorre sobre o uso dos adjetivos em anteposição, a partir de uma perspectiva linguística, pragmática e cultural. Assim, objetivamos corroborar a discussão sobre o tema, fornecendo dados que contribuam para um melhor aproveitamento didático em aulas de PL2-E.

Segundo Weedwood (2002), dentro de uma concepção pragmática “o linguista quer conhecer precisamente em quê e por quê houve diferenças na execução, de que formas ela se manifestaram e que efeito tiveram sobre o público ouvinte”, ou seja, a ênfase se dá na relação entre linguagem e uso, discurso e história. Apoiando-se nos teóricos pesquisados - Wittgenstein (1989), Goffman (1967), Brown e Levinson (1987), Duranti (1977), Cuche (2002), Da Matta (1984) e Holanda (2002) – pretendemos, neste capítulo, expor algumas conclusões acerca dos adjetivos e seus possíveis efeitos semântico-pragmáticos que justificam o uso anteposto ao nome.

Sabe-se que para um falante nativo essas diferenças de realização passam despercebidas, mas são compreendidas; no entanto, o mesmo não ocorre com um aprendiz de PL2-E. Para este, tais realizações, além de passarem despercebidas, também não são compreendidas. Portanto, torna-se necessário que, se identifique quais os aspectos culturais que justificam as diferentes formas de realização do adjetivo quando anteposto ao nome.

¹ Citação localizada na página <http://www.pensador.info/p/epigrafesdetrabalho>

Na intenção de melhor organizar os dados, dividiremos esta análise em seis seções. Os fragmentos selecionados correspondem aos adjetivos, ou às palavras que podem desempenhar mais de uma função sintática. Estes foram explicitados na introdução desta pesquisa e, são respectivamente: *grande*, *novo* e *velho*, *mero*, *simples*, *pobre*, *caro*, *direito* e *impossível*. Acreditamos que estas palavras apresentam expressiva instabilidade semântica em seus usos, mas é importante lembrar que muitos outros adjetivos também podem manifestar mudanças de significado de acordo com a sua posição. Todos os adjetivos analisados são postulados por Neves (2002) como *qualificadores*, a exceção de *direito* e *impossível*.

A primeira seção (4.1) tratará da análise do adjetivo *grande*. As explicações das gramáticas normativas se restringem apenas à sintaxe de colocação ou ordem atribuindo a posposição ou a anteposição desse adjetivo a função de adjunto adnominal. Na visão desses compêndios gramaticais, a posposição desse adjetivo exprime forma, e a anteposição, exprime significação figurada ou subjetiva. Definir ou classificar o uso dos adjetivos apenas por esse ângulo constitui-se um grande obstáculo para os aprendizes de PL2-E.

A segunda seção (4.2) trará fragmentos de textos que mostram o comportamento sintático, pragmático e semântico dos adjetivos *novo* e *velho*, e, conseqüentemente, as respectivas influências culturais que demonstram o comportamento utilizado por falantes nativos do português do Brasil. A análise dos adjetivos *novo* e *velho* será feita concomitantemente por aparecerem juntos nos textos utilizados como exemplo e, também, por estarem em um ambiente semântico de antonímia.

A terceira seção (4.3) é destinada à análise do adjetivo *mero* e *simples*. O adjetivo *mero* possui posição fixa no sintagma nominal, sempre anteposto ao substantivo e, estabelece uma relação de sinonímia com o adjetivo *simples*. O adjetivo *simples*, diferentemente de *mero*, pode ser posposto ou anteposto no sintagma nominal apresentando diferença de significado.

Nas quarta (4.4) e quinta (4.5) seções, analisaremos o comportamento semântico dos adjetivos *pobre* e *caro*; ambos apresentam mudança radical de significado quando assumem a posição anteposta ou posposta dentro do sintagma nominal.

A última seção (4.6) está destinada à análise das palavras *direito* e *impossível*; ambas pertencem ao grupo de palavras cujo potencial funcional inclui tanto a possibilidade de ser núcleo do sintagma nominal, quanto à de ser um modificador. A anteposição ou a posposição destas palavras pode acarretar mudança radical de significado.

Os fragmentos de textos que serão apresentados foram retirados de revistas de maior circulação nas capitais brasileiras, assim como do *corpus* da Linguateca. A escolha por texto jornalístico justifica-se por caracterizarem uma das formas mais correntes da língua portuguesa no Brasil e por ser de mais fácil acesso à leitura por parte dos estrangeiros que por motivos diversos se encontram no país.

Júdice (2001) afirma que língua e cultura estão profundamente vinculadas e, sendo a cultura brasileira, de muitas faces, favorece a aproximação e o diálogo com outras culturas do mundo. Visando os aspectos culturais da sociedade brasileira apresentaremos, a seguir, a interpretação das amostras de usos do adjetivo, julgando favorecer maior êxito no processo de ensino / aprendizagem da língua e da cultura do Brasil.

4.1

Grande: polidez, estereótipo e a limitação de uso do adjetivo.

Cunha & Cintra (2007) postulam que na oração declarativa prepondera a ordem direta que corresponde a sequência progressiva do enunciado lógico, e atribuem o valor objetivo para esta sequência. Os autores atribuem à ordem inversa, um valor subjetivo, principalmente nas formas afetivas da linguagem. Para eles, a anteposição de um termo, é de regra, uma forma de realçá-lo. Vejamos nosso primeiro exemplo:

(1) “Exames de *gente grande*” (Veja, p.86 13/08/2008).

A posposição do adjetivo *grande* no exemplo acima não está relacionada à dimensão, como por exemplo, em *carro grande*; ou seja, não é o que se verifica mediante a leitura do texto. Para falantes nativos do PB, o título da reportagem não está direcionado a uma pessoa de estatura alta, nem tampouco a uma pessoa em idade adulta, mas a alguém que ainda está em formação, ou seja, a alguém que

ainda não tem suas funções totalmente desenvolvidas ou maduras – o adolescente. A reportagem (cf. anexo p.114) mostra a realidade brasileira na qual os jovens estão submetidos para conseguir ingressar na universidade. Realizam exames médicos dispensados a pessoas mais idosas para avaliar as condições de saúde antes de iniciar a maratona do vestibular. Segundo alguns médicos, torna-se um exagero submeter o adolescente a uma bateria de exames nesta fase da vida. As diferentes formas de uso do adjetivo, não previstas nos compêndios gramaticais constituem-se um grande obstáculo para o aprendiz de PL2-E.

Segundo Neves (2002), quando houver a intenção comunicativa de qualificar subjetivamente o referente, os nomes qualificadores ocorrem, de modo geral, a ele anteposto. No entanto, na expressão *gente grande* verifica-se não só a subjetividade, mas também a avaliação pessoal do falante com a posposição do adjetivo. A posposição, segundo a autora, teria o caráter classificatório. Esta expressão pode ser comumente utilizada de forma carinhosa para se referir a uma criança (Com apenas cinco anos ela fala como *gente grande*!) cuja atitude é de um adulto, assim como a alguém de forte influência em algum segmento da sociedade brasileira (Isso é coisa de *gente grande*!), sem ser necessariamente uma pessoa grande em sua forma.

Na visão de Perini (2002), a mudança semântica do adjetivo está ligada, diretamente, à natureza do substantivo a que ele se refere. Para o autor, um modificador pode ser anteposto quando há uma expectativa de adequação ligada ao seu nome, ou, de outra maneira, anteposto dá um resultado delicado e inadequado. A formação *grande gente* não é recorrente no português do Brasil, salvo em um contexto específico.

Embora, este exemplo - *gente grande* - não tenha sido citado por Perini (*idem*), ele se enquadra no que o autor classifica como *frases feitas* ou *expressão cristalizada*, cuja ordem é fixa sem nenhum discernimento semântico ou razão textual, pois não são frases idiomáticas. Os dois elementos preservam seus significados normais, somente a ordem é fixa. O autor exemplifica tais frases feitas apenas com adjetivos antepostos como em *doce ilusão*. Para Perini (*idem*) o modificador *doce* pode aparecer em posição posposta, mas não nestas frases específicas. É importante ressaltar que, frases feitas não apresentam, obrigatoriamente, o adjetivo anteposto.

Na concepção de Wittgenstein (1989), como já afirmamos, a linguagem tida como um jogo não suprime a ideia de que é um sistema regulado pelas práticas do jogo, sujeito à mudança e que pode mudar de acordo com as circunstâncias. As circunstâncias de utilização da palavra *grande* podem acarretar mudanças de significado, esteja ela posposta ou anteposta ao substantivo como vimos no exemplo acima.

Cunha & Cintra (2007) afirmam ser a anteposição de um termo uma forma de realçá-lo. Se esta é uma forma de realçar como os autores declaram, podemos verificar que a posposição da palavra *grande*, nesse caso, muda totalmente o significado, pois dizer *grande homem* não significa o mesmo que dizer *homem grande*.

(2) “O dissidente russo era, à sua época, a mais acabada encarnação do “**grande** *homem*”. Ninguém mais fala em “**grande** *homem*”. Antes se falava Julio César foi um **grande** *homem*. Napoleão foi um **grande** *homem*. Depois veio a consciência do custo que cobraram, em vidas, para atingir o estágio de **grandes** *homens*, e ficou incorreto continuar a referir-se a eles como tal”. (Veja, p.162 13/08/2008-cf. anexo p.114)

Como já afirmamos, a anteposição ou a posposição do modificador *grande*, pode ocasionar mudança radical de significado. A mudança semântica do adjetivo está ligada diretamente à natureza do substantivo a que ele se refere aliada a uma expectativa de adequação ligada ao seu nome, sem, contudo gerar com a anteposição um resultado delicado ou inadequado. Como observamos, nesta estrutura, não podemos afirmar que ocorre inadequação com a posposição, apenas mudança de significado.

Neves (2002) atribui a anteposição dos adjetivos qualificadores o reforço do caráter avaliativo, mais subjetivo. Segundo a autora, o caráter mais subjetivo dá-se com a anteposição dos qualificadores com substantivos abstratos; a ocorrência com substantivos concretos são menos usuais, portanto de maior efeito. No exemplo acima, podemos verificar que ocorre mudança de significado, assim como o caráter subjetivo ou de maior efeito descrito pela autora.

No exemplo (2), a anteposição do adjetivo *grande* ao substantivo *homem* que forma a expressão *grande homem*, sugere o *estereótipo* do homem de

qualidades excepcionais e não de um homem de estatura alta. Há, culturalmente, uma expectativa de que *grandes homens* sejam homens que se destacaram dos demais pelos seus feitos em prol da humanidade. No entanto, o autor do texto ressalta, com a anteposição do adjetivo, os feitos de homens que se destacaram dos demais, nem sempre por suas qualidades exemplares, mas talvez, por prejuízos que tenham causado à raça humana.

Submetendo a utilização desta palavra à comparação com a língua inglesa, sabe-se que no inglês são necessárias três palavras diferentes (*great*, *large* ou *big*) para obter significados diferentes, enquanto, na língua portuguesa, para se obter tais significados, há apenas, a mudança de posição do adjetivo.

Como foi sinalizado por Perini (2002), a palavra *grande* pode ocorrer antes ou depois do substantivo, mas com mudança radical de significado. No entanto, no exemplo (3) existe a possibilidade da posposição do adjetivo, justamente para caracterizar a dimensão do problema, sem que haja mudança radical de significado.

- (3) “_ Também não vejo isso como um **grande problema** – disse eu”. (Veja 01/11/2006)

Ao realizar a leitura do texto *Apaixonet* (cf. anexo p.120), o falante nativo toma consciência do problema enorme que o pai tem em suas mãos mediante ao envolvimento de uma filha muito jovem, com um homem muito mais velho, separado e pai de três filhos, a partir de um namoro realizado pela Internet. Com tantos predicativos, tomados como negativos, pelo autor do texto, só poderia ser um *problema grande*. Mas, seguindo os padrões culturais da sociedade brasileira, entram os jogos de linguagem postulados por Wittgenstein (1989) que são tão bem sinalizados por Holanda (2002), que vê, na *polidez*, a forma natural e viva do “homem cordial” que se converte em fórmulas.

Brown e Levinson (1987) ao discorrerem sobre as estratégias de polidez, afirmam que para evitar situações de ameaça às faces, locutor e interlocutor negociam as mesmas, assim como lançam mão de estratégias discursivas compartilhadas. A estratégia de polidez indireta “off-record” ocorre quando o falante utiliza atos de fala indiretos para expressar seus desejos recorrendo a metáforas, à ironia, a vaguidão ou a ambiguidade.

O interlocutor, para ser solidário, antepõe o modificador *grande* ao substantivo *problema* com a intenção de suavizar ou de minimizar o que parece óbvio; com certeza, a filha do amigo está nas mãos de um mau-caráter. Antepor o adjetivo *grande* parece adiar o sofrimento do pai que tem uma filha com apenas 17 anos e que está envolvida com um homem de 34. Ser direto nesses momentos, além de fazer aumentar o sofrimento do pai, pode ser motivo para fazer uma amizade se transformar em inimizade. A indiretividade é a melhor maneira de ser cordial e manter a *face* preservada.

O aluno não nativo, dificilmente, fará associações ou saberá utilizar estes *jogos* da linguagem sem parecer grosseiro mediante uma situação que para um brasileiro pode ser muito constrangedora. Podemos, assim, afirmar que a cordialidade e a simplicidade são fatores determinantes nas relações interpessoais no cotidiano do brasileiro.

Diferentemente do exemplo anterior, pode acontecer a posposição do modificador nesta frase, sem que haja nenhuma mudança semântica ou pragmática.

- (4) “Com isso, os médicos faziam uma derradeira tentativa de interromper o processo de envenenamento que vinha minando gravemente a sua saúde: uma reação alérgica à **grande** *quantidade* de chumbo presente em algumas tintas” (Veja Rio, 13/08/2008).

Segundo Perini (2002), quando é possível a anteposição ou a posposição do modificador, sempre ocorre alguma diferença de significado. Para o linguista, modificadores antepostos, mais do que a subjetividade tende a expressar a avaliação pessoal da qualidade do falante. Uma *quantidade grande* ou uma *grande quantidade* não vai causar nenhum constrangimento por parte dos falantes e não gera nenhum outro significado. Porém, a escolha do autor do texto ao antepor a palavra *grande*, talvez seja por associação a pessoa de quem ele está falando. A reportagem é sobre a vida de pessoas que jamais abandonaram a sua arte, mesmo se isto lhes tenham custado a própria vida. E, a exemplo, uma delas, refere-se ao famoso e grande pintor brasileiro, Cândido Portinari. Com a anteposição do adjetivo *grande*, o autor expressa a sua avaliação pessoal.

Para o autor (*idem*), a característica semântica que está diretamente relacionada à posição do adjetivo é a limitação. Para ele, como regra geral, modificadores antepostos são interpretados como não-restritivos; modificadores pospostos podem ser interpretados como restritivos ou não-restritivos. Embora o adjetivo *grande* não esteja citado na tabela apresentada por ele, entre os adjetivos que podem ocorrer antes ou depois do nome, podemos constatar que o referido adjetivo, na posição anteposta apresenta limitações de ordem semântica.

No caso de profissões, o adjetivo *grande* não pode ser posposto ao nome que se refere sem mudança radical de significado. A posposição de *grande* ao nome *escritor* geraria um significado inadequado. Vejamos:

- (5) “Soljenitsin foi um **grande** *escritor* que ajudou a derrubar um regime. No exílio passou de dissidente russo a dissidente do tempo em que vivia”. (Veja, p.162 13/08/2008).

Segundo o linguista, há uma expectativa de adequação, isto é, de que a qualidade expressa pelo modificador é particularmente adequada para a entidade referida pelo nome. Se compararmos a língua inglesa e a língua portuguesa, sabemos que aquela admite recursividade à esquerda, enquanto para esta a recursividade se dá à direita. Porém, ambas apresentam exceções e, esta é uma exceção em nossa língua que se equipara à forma gramatical da língua inglesa. Segundo Kato (1998), um aprendiz de língua estrangeira pode em seus primeiros passos de aprendizagem fazer largo uso, e com sucesso, das estratégias que adquiriu para falar e compreender sua língua nativa.

Acreditamos que, além das propriedades formais da língua e da natureza das regras exigidas para a descrição de línguas, devemos estabelecer relações entre linguagem e mundo. As reflexões filosóficas Wittgensteiniana apresentam a linguagem como um conjunto de práticas complexas, reguladas e compartilhadas por indivíduos de uma comunidade não homogênea. O filósofo ressalta a ideia de que o uso da linguagem não se pode dissociar ao comportamento não linguístico, ou seja, ao seu ambiente natural. O ambiente natural da língua portuguesa elegeu para esta forma linguística a anteposição. A posposição caberia a outro tipo de adjetivo, como *escritor famoso*, mas nunca um *escritor grande*.

No exemplo a seguir, encontramos a sequência **qualificador + nome + classificador**. Segundo Perini (2002), um nome pode ser seguido por mais de um modificador e, em alguns casos, a ordem deste modificador não é indiferente. Segundo o autor, modificadores expressam um número diferente de relações semânticas e entre estas estão a *classificação* e a *qualificação*.

(6) “Embora a equipe brasileira de ginástica tenha **grandes expoentes individuais**, as favoritas do ouro por equipe são mesmo as americanas” (Veja Olimpíada, p.65 julho 2008 cf. anexo p.116).

A principal diferença entre modificadores classificadores e qualificadores é quando os dois tipos de modificadores ocorrem em um sintagma nominal; o classificador deve ser contínuo ao nome e o qualificador vir após o classificador. Na sequência *grandes expoentes individuais*, o qualificador está anteposto e o classificador posposto ao nome. Para o autor, a sequência de **nome + classificador**, diferentemente, das sequências de **nome + qualificador** são interpretadas como *frases feitas*, ou seja, não produzidas espontaneamente. Segundo ele, um outro fator que governa a ordem dos modificadores é a carga informacional de cada modificador. O modificador mais informacionalmente relevante vem por último, e este é um fator discursivo que pode ser totalmente exemplificado somente num contexto de sequências maiores do que uma única frase nominal ou, até, em sentenças.

Os dois modificadores *grandes* e *individuais* possuem um potencial diferente de carga informacional. *Grande* não poderia ocorrer posposto ao nome *expoente*; a posposição alteraria totalmente o significado. A anteposição do modificador *individuais* ao nome *expoentes*, ou ao modificador *grandes*, geraria uma proposição inaceitável. Segundo Perini (*idem*), a característica semântica que está diretamente relacionada à posição do adjetivo é a *limitação*. As limitações apresentadas acima, não são apenas de ordem semântica, mas também da estrutura da língua portuguesa.

Diferentemente do que ocorre na língua inglesa, na língua portuguesa, a anteposição ou a posposição de mais de um modificador ao nome sofre restrições mais severas (**grandes individuais expoentes*). Neste exemplo, não caberia a

posposição de dois modificadores ao nome expoente (*expoentes *individuais grandes* ou *expoentes *grandes individuais*).

Segundo Neves (2000), mais do que os adjetivos qualificadores, os adjetivos classificadores formam um todo semântico com o substantivo que acompanham formando unidades lexicais. Ainda, segundo a autora, um mesmo substantivo pode vir antecedido de um adjetivo e seguido de outro, e quando um dos adjetivos é classificador e o outro é qualificador, o classificador fica na primeira camada, quanto à formação de blocos de significação. O conjunto substantivo + adjetivo classificador funciona, segundo Neves (*idem*), como uma denominação especificadora que, a seguir, é qualificada. E esta condição é visível no fato de, nesses complexos, o classificador vir posposto e o qualificador, anteposto.

Baker & Hacher (1984 *apud* Scherer 2002) compartilham com Wittgenstein a idéia de que a linguagem é uma atividade governada por regras, porque é uma prática de usar signos de acordo com regras, estas possibilitam explicar, criticar e justificar nossos usos de palavras, quando necessário. Não infligimos às regras, pois, segundo os autores, “o mundo social que habitamos é feito de fenômenos normativos” e, portanto, não é surpreendente que uma “forma característica de explicação do comportamento humano seja a explicação normativa” (*idem*).

Com a anteposição do adjetivo qualificador *grande* ao nome *expoente*, o autor do texto, além de seguir as regras formais da língua portuguesa deixa transparecer a sua avaliação pessoal na qualidade de falante quando se refere às ginastas brasileiras. A anteposição da palavra *grande* não diz respeito ao tamanho das ginastas, mas as suas qualidades excepcionais.

No ensino de línguas estrangeiras, a utilização de imagens constitui-se um grande aliado, pois é uma grande oportunidade de interação na língua-alvo, entre os aprendizes e o professor. A proposição a seguir corresponde ao título de uma reportagem (cf. anexo p.116) que oferece a oportunidade de associação entre texto verbal e não-verbal. O texto não-verbal - a fotografia - mostra a escultura gigantesca de um menino (Boy – “garoto”) criado pelo escultor australiano Ron Mueck. O escultor usa técnica de efeitos especiais cinematográficos para criar obras de arte que, não fossem as dimensões, enganariam os olhos de qualquer observador devido às semelhanças com o ser humano.

(7) “Um **grande** garoto” (“Super Interessante” 06/ 2006, edição 208).



Figura 7 (Run Mueck – Boy - 4,90x 4,90x2,50)

A imagem – o texto não-verbal - sugere a ideia de tamanho e corrobora que essa informação veiculada é diferente da veiculada pela estrutura linguística – o texto verbal. O título *um grande garoto* poderia ser *um garoto grande* não fosse a presença de um admirador muito ilustre, o príncipe dinamarquês Frederik, acompanhado de sua noiva e a obra admirável do escultor.

Quanto à ordem do adjetivo *grande*, Cunha & Cintra (2007) atribuem um valor subjetivo à sequência **adjetivo + substantivo**; Perini (2002) não descarta a ideia de subjetividade, mas também acrescenta que modificadores antepostos tendem adquirir significados junto com seu nome, assim como podem expressar a avaliação pessoal do falante. A anteposição ou a posposição do modificador *grande* não causa um resultado inaceitável, mas segundo Neves (2000), quando a ordem é pertinente, aos adjetivos qualificadores alteram o significado e a atitude valorativa ligada à anteposição do adjetivo fica mais evidente. Obrigatoriamente, o autor do texto usaria como título da reportagem *um garoto grande* caso, o principal objetivo fosse descrever o tamanho da escultura. Esta última interpretação alteraria completamente o significado da frase. O adjetivo *grande* posposto ao nome assume um valor descritivo para coisas de grande porte.

Após extensa análise do adjetivo *grande*, daremos continuidade à análise dos adjetivos *novo* e *velho*. A análise concomitante dos dois adjetivos se dá em função da relação de antonímia entre as duas palavras.

4.2

***Velho* e *novo*: dupla função X relação de antonímia**

A palavra *velho* é, tradicionalmente, classificada como substantivo ou adjetivo. Esta classificação apresenta limites muito pouco claros. Segundo Perini (2002), a separação entre substantivo e adjetivo é pouco marcada, portanto, na dúvida da existência de duas classes distintas, pois, segundo o linguista, trata-se de uma palavra cujo potencial funcional inclui tanto a possibilidade de ser núcleo do sintagma nominal, quanto à de ser um modificador.

(8) Papel oficial: **velho amigo** da família “(Veja, 2006)”.

Neves (2000), primeiramente, integra este tipo de construção no grupo dos adjetivos classificadores que expressam a noção adverbial de quantidade indefinida. Logo depois, ela inclui esta mesma construção com o adjetivo *velho* no grupo dos adjetivos qualificadores. A autora admite que embora o adjetivo qualificador não tenha uma posição fixa dentro do sintagma nominal, isso não quer dizer que a ordem seja absolutamente livre. Para ela, no caso do adjetivo *velho*, a ordem é pertinente, ou seja, o resultado do sentido altera-se conforme o adjetivo esteja posposto ou anteposto.

Cunha & Cintra (2007) e Neves (2000) atribuem a anteposição do adjetivo um valor subjetivo nas formas afetivas da linguagem; esta ideia não é rejeitada por Perini (2002b), mas o autor acrescenta que os modificadores não só tendem a expressar uma avaliação pessoal da qualidade do falante; também são necessárias informações adicionais à cerca das crenças culturais para justificar as mudanças de significado. Assim, a imagem torna-se um excelente recurso para justificar a forma linguística utilizada pelo autor da reportagem.

O amigo de longa data é o *velho amigo*; o *amigo velho* é o amigo de idade avançada, mas, também, na avaliação de Perini (*idem*) pode ser o amigo de longa data. O autor afirma que a mudança de significado é bastante expressiva quando a palavra *velho* está posposta ou anteposta. A posposição desta palavra gera ambiguidade.

O relacionamento entre pessoas de gerações tão distintas é sempre motivo de especulação em nossa sociedade. O ator Antônio Fagundes (57 anos) é amigo de longa data da atriz Cléo Ventura, mãe da jovem de 29 anos Vivianne Ventura. Apesar da idade de Fagundes, ninguém o trataria de “amigo velho” dando ao substantivo a qualificação de um homem de idade avançada.



Figura 8 - Vivianne e Fagundes em Lisboa: mãos dadas

No texto, ao contrário do que afirma Perini, é nítida a preocupação do autor em antepor a palavra *velho*, talvez, para não dar margens a dois significados. Há a necessidade de expor a situação sem que sejam melindradas ambas as partes.

Culturalmente, no Brasil, um homem em idade avançada, estar acompanhado de uma mulher mais jovem é sinônimo de virilidade. A sociedade brasileira endeusa a juventude e os dotes físicos. Ter uma boa formação, nem sempre são valores admirados em uma pessoa. É comum, pessoas, com maturidade, buscarem a caricatura dos jovens que foram e não valorizarem a experiência e a sabedoria de sua idade.

Os jogos de linguagem se revelam no texto da reportagem; ao mesmo tempo em que o autor antecipa a palavra *velho* para haver apenas uma interpretação - do amigo de longa data - ele cita a idade do ator e da jovem que o acompanha, as conclusões devem ser inferidas pelo leitor do texto.

A linguagem vista como um conjunto de práticas não alinha significante, não é apenas uma estratégia para representar um sistema de coisas, mas uma experiência prévia (coletiva, social e cultural). São as experiências prévias que fazem um falante nativo saber fazer escolhas que permitem mostrar a cordialidade e a polidez tão exaltada por estrangeiros que nos visitam e, assim, preservarem inatas a suas sensibilidades e emoções.

A estratégia de polidez sinalizada por Brown e Levinson (1987) “bald-on-record” positiva, quando utilizada pelo falante, busca minimizar a ameaça à face de seu interlocutor e mostrar que seu desejo apresenta pontos em comum com o desejo do outro. Talvez, o desejo do autor da reportagem seja de criticar este tipo de relacionamento, mas a perspicácia faz com que ele escreva de uma forma mais polida a fim de não causar nenhum constrangimento nem ao leitor e nem ao casal.

No que diz respeito ao adjetivo *novo*, Perini (*op.cit.*), afirma que este tipo de modificador, anteposto ou posposto, pode gerar mudança de significado, mas não está necessariamente ligado à ordem. Segundo ele, a posposição do modificador *novo* gera a ambiguidade. Esta afirmativa não se enquadra na classificação apresentada por Neves (2000) cuja ordem é pertinente. Para a referida autora, a anteposição deste adjetivo, apenas cria ou reforça o caráter avaliativo, mais subjetivo da qualificação.

(9) “Estamos sempre começando do zero, como se as experiências passadas tivessem de ser apagadas, a exemplo do Morro do Castelo, para que o futuro possa existir. *Estado Novo*, *Nova República*, *cruzeiro novo*, *cruzado novo*, *Cidade Nova*... por aí vai”.(Fernanda Torres, Veja Rio, 20/08/2008, cf. anexo p. 122).

A crítica da autora do texto é justamente sobre a dificuldade que nós, brasileiros, temos em resguardar nosso passado. A posposição do modificador *novo* aos seus respectivos nomes atribuem os significado de que tudo é novo e recentemente construído, mas bem sabemos que este novo exige o sacrifício do que já existia.

A *Cidade* é nova, às custas da demolição de um patrimônio histórico e arquitetônico da formação de uma das primeiras cidades do Brasil. O *dinheiro* é novo, mas os problemas financeiros e a má distribuição de renda, continuam os mesmos. Na política, a *Nova República* representa os ideais republicanos que finalizam o ciclo da ditadura militar no país e dá início ao processo de redemocratização em 1985; idealismo e sonhos ainda não concretizados desde a colonização. A anteposição do adjetivo *novo* carrega todo o caráter subjetivo da nova realidade política no país, ou melhor, da antiga, pois a República foi proclamada em 1889, após longo período de colonização. O *Estado* é novo, ou seja, neste momento inicia-se o processo da ditadura militar e fascismo da era

Vargas. A posposição do adjetivo *novo* dá o caráter objetivo da imposição do novo regime político. Parece que estamos buscando sempre soluções novas para problemas antigos.

O exemplo apresentado a seguir corrobora o que já foi dito sobre os adjetivos classificadores que formam um todo semântico com o substantivo que os acompanham constituindo-se uma unidade lexical: *tratamento de quimioterapia* / *tratamento quimioterápico*. Pela possibilidade de formação de unidades lexicais, os adjetivos, tanto classificadores como qualificadores, podem compor camadas de modificação. Na formação de camadas, a locução adjetiva, sempre posposta, ocupa uma camada mais externa que o adjetivo simples, quando ambos coocorrem. Segundo Neves (2002), um mesmo substantivo pode vir antecedido de um adjetivo e seguido de outro e, isso ocorre mesmo que o adjetivo que segue o substantivo seja uma locução.

- (10) “Vamos tentar um **novo** tratamento **de quimioterapia**, baseado em um medicamento espanhol recentíssimo, o Yondelis”.(Veja p.17, 20/08/2008 cf. anexo p.123).

A ordem do adjetivo qualificador *novo* poderia ocorrer antes ou após o substantivo sem alteração de significado: *um novo tratamento* / *um tratamento novo*. A locução adjetiva *de quimioterapia* pode formar uma unidade lexical com o substantivo e funcionar como adjetivo classificador, como em *tratamento quimioterápico*.

Segundo a autora, verifica-se, pela própria posição, que se um dos adjetivos é classificador e o outro é qualificador, o classificador fica na primeira camada, quanto à formação de blocos de significação. E, isso é determinado pela íntima relação de sentido que o classificador tem com o substantivo, ambos funcionam como uma denominação especificadora, que, a seguir, é qualificada.

Para Perini (2002), os modificadores em posição anteposta transportam um significado subjetivo, assim como tendem a expressar a avaliação pessoal da qualidade do falante. O que poderia ser um *tratamento novo* ganha novo sentido nas declarações do atual vice-presidente do Brasil - José Alencar. Devido ao seu estado de saúde, constantemente, o vice-presidente é submetido a tratamentos para a cura do câncer. O *novo tratamento* significa um tratamento descoberto recentemente; ou como o próprio vice-presidente frisa, *recentíssimo*. Segundo

Perini (*idem*), a posposição do adjetivo *novo* provoca ambiguidade. Talvez, a ambiguidade se dê na interpretação de dois significados: um tratamento recentemente descoberto ou um tratamento que já existia, mas só agora está disponível.

As nossas práticas linguísticas favorecem a posposição e anteposição, ao substantivo, do adjetivo qualificador *velho* (*a*). Também, são admitidos a concomitância com seu oposto relacional, o adjetivo *novo*. Segundo Neves (2002), os adjetivos qualificadores indicam para o substantivo que acompanham uma propriedade que, não necessariamente, compõe o feixe das propriedades que o definem.

Quando encontramos o uso dos adjetivos *novo* e *velho* em um mesmo texto precisamos ter um cuidado especial ao tentar transmitir para o aprendiz de PL2-E o significado expresso por estes vocábulos de acordo com a ordem escolhida pelo autor ao empregá-los.

A autora cria uma paráfrase com a expressão *velhos amigos* no título de seu texto: **velhos** amantes e novos **amigos**. *Velhos amantes*, na verdade, foram amantes de longas datas; e a amizade que um dia se perdeu, configura-se numa nova amizade como a de *velhos amigos*. Se foram *velhos amantes*, porque não se tornarem nesse momento delicado de suas vidas *novos amigos*. E, como mesmo a escritora ressalta, a nossa cultura exalta apenas o novo, casais de idade avançada quando resolvem voltar a morar junto, nem sempre têm esta atitude aprovada pelos filhos.

Segundo Goffman (1967), toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, em contatos que podem ser face a face ou mediados com outros participantes. A escritora, através de seu texto, não só expressa sua visão da situação, como também, faz a sua auto-avaliação e a dos participantes envolvidos, no caso os leitores. Vejamos o exemplo a seguir:

(11) “**Velhos** amantes, **novos** amigos” (Lya Luft, Veja Rio-p. 26, 20/08/2008 cf. anexo p.117).

“Falo em **velhos** casais separados, que voltaram a ter companheiros, mas se vêem outra vez sozinhos, por viuvez ou **nova** separação”.

“Cansei de ver **velhos** homens ou **velhas** senhoras obrigados, pelo amor filial, a sair de suas casas,...”.

A autora elege para construção de seu texto a anteposição do adjetivo *novo* e *velho*. Ela poderia se referir aos casais como *casais velhos*, *homens velhos* ou *senhoras velhas* se o objetivo dela fosse falar da idade avançada dos casais envolvidos. No entanto, a opção pela anteposição dos adjetivos em seu texto tem outro objetivo. Além dos casais terem uma idade avançada, são conhecidos de longa data. Mas, a anteposição desses adjetivos vai além dos significados que estas palavras devem expressar. A escritora trata de um assunto delicado, que envolve pessoas numa fase delicada da vida - a velhice. Com a anteposição do adjetivo ela demonstra maior sensibilidade, afetividade e polidez em tratar do assunto. Esta estratégia pode ser entendida como um modo de organização de defesa ante a sociedade (Holanda, 2002).

Daremos a seguir, continuidade a nossa análise apresentando as ocorrências com o adjetivo *mero* e *simples*.

4.3

Mero e simples: rigidez e versatilidade

Definindo, gramaticalmente, o comportamento do adjetivo *mero*, Neves (2000) afirma que, em regra geral, pode-se dizer que o adjetivo *qualificador* usado como adjunto do substantivo pode ser *posposto* ou *anteposto* ao substantivo.

Segundo a autora, a posposição ao substantivo é mais frequente na linguagem comum, portanto, menos marcada; a anteposição ao substantivo (posição mais marcada) é bastante ocorrente nas obras literárias, já que expressa significativo efeito de sentido, especialmente o de subjetividade. Vejamos o exemplo a seguir:

(12) Como Antígona, Diadorim reduz o sentido da sua vida a um **mero** intervalo -- a um lapso de tempo vazio que liga a morte do parente à própria morte, e cuja única razão está na vingança e no ódio mortífero em nome da honra do chefe morto. (Linguatca, par 43615).

Embora, o adjetivo *qualificador* não tenha, em geral, uma posição fixa dentro do sintagma nominal, Neves (*idem*) admite que não se pode dizer que a

ordem seja absolutamente livre. Segundo ela, o adjetivo *mero* é obrigatoriamente anteposto. Ademais, diferentemente, de outros adjetivos que podem ocorrer em posição anteposta, não existe, para este adjetivo, a possibilidade de ser classificado como substantivo. Esse adjetivo atua em relação de sinonímia com o adjetivo *simples* e parece dar mais realce, ou, às vezes, uma carga pejorativa à informação. Parafraseando Perini (2002b), sabemos que, além de transportar um significado subjetivo, os modificadores antepostos tendem a expressar a avaliação pessoal da qualidade do falante.

Este é mais um caso que corrobora a ideia postulada por Wittgenstein (1989) de que a linguagem é uma atividade governada por regras, porque é uma prática de usar signos de acordo com regras que possibilitam explicar, criticar e justificar nossos usos de palavras, quando necessário. Infligir esta regra, como bem sinaliza Perini (2002) gera um resultado delicado ou inaceitável; pois, segundo o linguista, um modificador pode ser anteposto quando há uma expectativa de adequação ligada ao seu nome. Em nossas práticas, o intervalo pode ser *simples*, mas nunca *mero*.

Podemos, observar que, os jogos da linguagem são realizados no uso concomitante dos adjetivos *mero* e *simples*. No exemplo a seguir, aos dois substantivos, foram antepostos estes adjetivos, em uma relação de sinonímia, a fim de que não houvesse repetição de um mesmo item no contexto frasal.

(13) Tonacci quer precisamente inverter as instâncias do jogo, para que o índio não seja reduzido a **mero** assunto ou a **simples** referente de um discurso reflexivo. (Linguatca, par 48768).

Segundo a regra e o uso do adjetivo *mero*, este só pode ocorrer em posição anteposta, diferentemente, do adjetivo *simples* que pode transitar entre uma posição e outra. O autor do texto, estrategicamente, antepõe o adjetivo *simples* para acompanhar a posição rígida do adjetivo *mero*. A anteposição de ambos corrobora a análise de Perini (2002), que, além de transportar um significado subjetivo, os modificadores também expressam a avaliação pessoal do falante. Para o linguista, a anteposição ou a posposição dos modificadores no sintagma nominal sempre acarreta alguma diferença de significado, em uso no discurso, ou

entre as duas versões, e, em muitos casos quando apenas uma versão é possível, há uma explicação semântica para o fato.

Os filósofos contemporâneos da linguagem qualificam o significado como uma *práxis* social assimilando-o à maneira como as expressões são usadas. Para Rajagopalan (1998) a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela.

Somos *simples mortais*, mas não *mortais simples*. Sendo a linguagem um espaço onde os consensos se realizam, a forma *simples mortais* foi eleita pela comunidade linguística do português do Brasil para exprimir sua submissão diante da morte. A posposição da palavra *simples* ao nome *mortais* não daria a conotação apropriada; segundo Perini (2002) geraria um significado inadequado. Observemos o exemplo:

(14) Raramente se mostravam aos **simples mortais** e viviam cercados de nobres, que lhes deviam obediência absoluta. (Linguateca, par 1231).

Não só a subjetividade, mas os modificadores antepostos tendem a expressar a avaliação pessoal da qualidade do falante. Esta anteposição, para Perini (2002b), está diretamente relacionada a uma expectativa de adequação ligada ao seu nome. *Simples mortais* se enquadra no o autor classifica como *frase feita*. Segundo ele, na frase feita a ordem é fixa sem nenhum discernimento semântico ou razão textual; não são propriamente frases idiomáticas porque os dois elementos preservam seus significados normais, somente a ordem é fixa. O adjetivo *simples* pode ocorrer em posição posposta, mas não nesta frase específica.

Embora esta frase não esteja entre os exemplos citados pelos dois autores, acreditamos que *simples mortais* se enquadra no que Neves (*op. cit.* p.211) classifica como *construções cristalizadas* e Perini (*op. cit.* p.322) chama de *frase feita*.

Para corroborar a nossa análise, nos parece relevante abordar um último exemplo com o adjetivo. Vejamos:

(15) Reações de **simples troca** ou **simples substituição** -- são aquelas em que uma *substância* **simples** reage com uma *substância* **composta**, deslocando um dos elementos desta última. (Linguatca, par 2236).

As reações poderiam ser de *troca simples* ou de *substituição simples*, no entanto, segundo Neves (2000), nas diversas subclasses que se reúnem sob o rótulo de adjetivos de avaliação é que se verifica, mais facilmente, o efeito de maior envolvimento do falante na qualificação, ou seja, o efeito conotativo obtido com a anteposição do adjetivo. A escolha do autor do texto pela anteposição do adjetivo *simples* corrobora a ideia proposta por Neves (*idem*) de maior envolvimento do falante na qualificação.

Ainda, segundo a autora, os substantivos abstratos favorecem mais a anteposição dos adjetivos qualificadores, por ser a qualificação de abstratos sempre menos objetiva, mais apreciativa e menos descritiva que a de substantivos concretos. Esta explicação dada por Neves (*idem*) justifica a escolha do autor do texto, quanto à posposição do adjetivo *simples* ao nome *substância*.

Segundo Perini (2002b), a anteposição de um modificador é permitida quando há uma expectativa de adequação ligada ao seu nome. Podendo assim, os modificadores expressarem um número diferente de relações semânticas, entre estas estão a *classificação* e a *qualificação*. Para estabelecer relação com *substância composta*, o que não se justificaria a anteposição do adjetivo *simples*; a *substância* tem que ser, obrigatoriamente, *simples* e não uma *simples substância*, cujo significado se alteraria significativamente. Portanto, a posposição dos adjetivos *simples* e *composto* estabelece a relação semântica da classificação, enquanto a anteposição do adjetivo, em *simples troca* e *simples substituição* estabelece a relação semântica da qualificação.

4.4

Pobre: descrição, subjetividade e unidade lexical

Anteriormente, declaramos que, em regra geral, o adjetivo qualificador usado como adjunto do substantivo pode ser posposto ou anteposto, no entanto, esta ordem nem sempre pode ser livre. No caso do adjetivo *pobre*, encontramos algumas observações pertinentes. Vejamos o exemplo:

(16) Melhor, empurrou seu corpo magro de quem foi *menino pobre*, nada de leite A, para a medalha de ouro. (Linguatca, par 8507).

Segundo Neves (2000), quando a ordem é pertinente altera-se o resultado de sentido conforme o adjetivo esteja posposto ou anteposto. A unidade lexical *menino pobre* não apresenta o mesmo significado que *pobre menino*.

Para Perini (2002b), quando há uma expectativa de adequação ligada ao nome pode ocorrer à anteposição do modificador. A anteposição de *pobre*, neste caso, alteraria todo o significado. Um *pobre menino* veicula a informação de alguém infeliz ou desgraçado; é o que Neves (op.cit.) classifica de valor mais apreciativo e menos descritivo. Diferentemente, segundo a autora, *menino pobre* veicula a informação de alguém sem recursos, sem dinheiro. Portanto, nesta construção do sintagma nominal, a posposição do adjetivo *pobre* assume um caráter mais descritivo.

Como já afirmamos, em certos sintagmas formados por **substantivo + adjetivo**, ou **adjetivo + substantivo**, esse conjunto apresenta um valor unitário, formando uma verdadeira unidade lexical, como observamos no exemplo a seguir.

(17) “Aqui, para um *pobre mortal*, são necessários sete anos”. (Linguatca, par 15662).

Embora este exemplo não tenha sido citado pelos autores pesquisados, como observamos no exemplo com o adjetivo *simples* (*simples mortal*) esta construção se enquadra no grupo das *frases feitas* (Perini, 2002b) ou *expressões cristalizadas* (Neves, 2000). *Pobre* e *mortal* podem aparecer em posição anteposta ou posposta, mas não nesta frase específica, o que poderia gerar um significado inadequado.

Independente da descrição gramatical proposta, neste conjunto significativo *pobre mortal*, interpretado como frase feita ou construção cristalizada, a ordem é fixa sem que haja nenhum discernimento semântico ou razão textual, pois, para Perini (op. cit.), estas frases também não são propriamente idiomáticas, haja vista que os dois elementos mantêm seus significados e, somente a ordem permanece fixa. Porém, ao colocarmos nossa visão de mundo, percebemos que esta frase é comumente empregada para

justificar nossa impotência diante de um fato consumado, pois, somos todos mortais, e nada podemos fazer para mudar esta realidade. Assim, emitimos a nossa avaliação pessoal na qualidade de falante.

A palavra *pobre* e a palavra *agricultor*, na língua portuguesa, podem assumir a função substantiva e a função adjetiva, pois, como já mencionamos anteriormente, a maioria das palavras pode desempenhar mais de uma função sintática, pois estas classes de palavras apresentam limites muito poucos claros. No sintagma nominal *pobre agricultor*, a palavra *pobre* desempenha a função sintática de adjetivo qualificador junto ao nome concreto *agricultor*.

(18) O segundo consulente é um **pobre** *agricultor* do Rio Grande do Sul que não tem tido sorte com a plantação de soja. (Linguateca, par 18817).

É sabido que o adjetivo qualificador usado como adjunto adnominal pode ser posposto ou anteposto ao substantivo. Quando em posição anteposta, além do efeito de maior subjetividade, também é necessário à adequação ao nome.

A anteposição ou a posposição da palavra *pobre* ao núcleo do sintagma nominal *agricultor proporciona* expressiva diferença de significado entre um *pobre agricultor* e um *agricultor pobre*. O primeiro de caráter mais apreciativo, expressa a avaliação pessoal do falante “infeliz”; no segundo, a posposição dá um caráter mais descritivo da situação financeira do agricultor.

Sabemos que classificar a palavra *pobre* como substantivo ou adjetivo não é o bastante para justificar suas formas de uso, nem tampouco mostrar a posição em que ela pode ocorrer, quando em função de adjetivo, é o suficiente para um aluno estrangeiro saber utilizá-la dentro de um contexto adequado.

Dando continuidade a nossa pesquisa, analisaremos o comportamento da palavra *caro* em função de adjetivo.

4.5

Caro: ironia ou cordialidade

Como já afirmado nesta pesquisa anteriormente, a natureza do substantivo abstrato, quando qualificado pelo adjetivo, favorece mais a anteposição, exatamente porque a qualificação de abstratos é sempre menos objetiva, ou seja,

mais apreciativo e menos descritivo do que ocorre com os substantivos concretos. Segundo Neves (2000), o adjetivo *caro* em função de adjunto adnominal, com nome concreto não-humano, deve vir sempre em posição posposta, significando ser de alto custo para aquisição ou para uso, portanto, possuindo um caráter mais descritivo.

(19) Só *combustível caro* melhora trânsito, ROLLAND GIANOTTI. (Linguatca, par 12257).

Ao contrário do que foi mostrado anteriormente, as ocorrências com o adjetivo *caro*, em anteposição com nome humano, são postuladas por Neves (2000) com o significado de “querido” e assume um valor mais apreciativo. Segundo a autora, nas diversas subclasses que se reúnem sob o rótulo de adjetivos de “avaliação”, seja qualitativa ou quantitativamente, verifica-se o efeito de maior envolvimento do falante na qualificação, obtendo-se assim, com a anteposição do adjetivo, maior efeito de conotação.

(20) O governador saudou o candidato do PSDB como meu *caro* *prefeito* e alertou para a importância de uma Prefeitura afinada com o governo estadual. (Linguatca, par 34465).

A adequação ao nome, neste exemplo, não se restringe apenas ao nome *prefeito*. A palavra *caro*, quando anteposta, assume um significado totalmente diferente daquele quando colocado em posposição (cf. exemplo 19). Em anteposição, além de mostrar uma forma mais polida de reverência, que o brasileiro, normalmente utiliza ao se dirigir a pessoas que detém algum poder, também pode veicular um tom ameaçador ou sarcástico. Como bem lembra Holanda (2002), a polidez equivale a um disfarce que nos permite preservar inatas nossas sensibilidades e emoções.

A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre os adjetivos *direito* e *impossível*.

4.6

Direito e impossível: unidade lexical e dupla função

Cunha & Cintra (2007) afirmam ser muito estreita a relação entre o substantivo (termo determinado) e o adjetivo (termo determinante) e que, não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras. Quanto à distinção, só é possível quando vista num contexto frasal. Os autores chamam de *substantivação* do adjetivo o fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral do artigo) ao adjetivo e que conseqüentemente, deixa de ser um termo subordinado para tornar-se um termo nuclear no sintagma nominal. Neves (2002) classifica esta ocorrência de *adjetivação* do substantivo, ou seja, quando há a concordância do substantivo da direita com o substantivo da esquerda.

Perini (2002a) não compartilha da definição apresentada por Cunha & Cintra e Neves. Para o linguista, as classes tradicionalmente denominadas “substantivo” e “adjetivo” têm limites muito pouco claros. Segundo o autor, ambas se distinguem facilmente de um verbo, porém, a separação entre substantivo e adjetivo é pouco marcada e, segundo ele, há razões para duvidar da existência de duas classes distintas. Perini (2002a) admite que a maioria das palavras possa desempenhar mais de uma função sintática dependendo da posição que ocupa no sintagma nominal. A palavra *direito*, embora não esteja dentre os exemplos citados pelo linguista, está inclusa no grupo de palavras que para alguns gramáticos é classificada como palavra substantivada. Com o exemplo a seguir, podemos fazer algumas considerações acerca do uso desse adjetivo.

(21) “No Brasil, a turma que criou a estupidez dos ‘**direitos humanos** para **humanos direitos**’ acha que julgar civilizadamente um bandido é excesso de direitos” (Veja p.77, 30/07/2008).

Apesar de as palavras *direitos* e *humanos* apresentarem um conjunto significativo, ora desempenham a função de adjunto adnominal, ora de núcleo do sintagma nominal. A sequência *direitos humanos* se enquadra na classificação proposta por Neves (*idem*) quanto à posição dos adjetivos. Segundo a autora, os

adjetivos classificadores, quando em função adnominal exercem papel na estrutura argumental do nome e aparecem normalmente pospostos, e em certos sintagmas formados por **substantivo + adjetivo**, ou **adjetivo + substantivo**, esse conjunto apresenta um valor unitário, formando uma verdadeira unidade lexical ou um todo semântico com o substantivo que acompanham. Ainda, segundo a autora, esta ocorrência pode se dar com qualificadores e classificadores.

Tanto a palavra *direito* quanto a palavra *humano* apresentam mudança radical de significado quando assumem uma das funções, de substantivo ou de adjetivo. A anteposição ou a posposição de uma das duas palavras não trará a mesma informação, nem tampouco realça ou transporta um significado subjetivo. Se *direitos humanos* forma uma unidade lexical, no conjunto *humanos direitos*, a palavra *direitos*, em função adnominal, atribui qualificação para a palavra *humanos*. Neste contexto, esta palavra assume o significado dos que são justos em suas ações.

O autor do texto (cf. anexo p.119) cria o *jogo* com as duas palavras para mostrar sua indignação com a violação dos direitos de pessoas que são submetidas a julgamentos, nem sempre dentro do que estabelece o código dos direitos humanos. Este tipo de prática linguística compartilhada como um jogo, cria um vínculo indissolúvel entre a linguagem e nossas atividades humanas.

Para um aluno estrangeiro, a distinção entre um significado e outro só é possível através do conhecimento das regras compartilhadas pela comunidade linguística que a usa. A simples troca de posição entre as duas palavras pode se tornar imperceptível para àqueles que não conhecem o contexto de uso das mesmas. De acordo com Duranti (1977), a linguagem deve ser entendida como prática cultural, a língua é parte da cultura e, portanto, são sistemas ricos de classificação que podem dar pistas importantes sobre como estudar práticas e crenças culturais particulares.

Observa-se a mesma complexidade quanto à distinção entre substantivo e adjetivo no exemplo (22). A palavra *impossível* pode assumir mais de uma função sintática no sintagma nominal, pois possui o potencial funcional que inclui tanto a possibilidade de ser núcleo de um sintagma nominal quanto à de ser um modificador. Vejamos os exemplos:

(22) “O **impossível** amor” (Veja Rio p.114, 4/06/2008).

“Ando às voltas com um *amor impossível* _ me disse o Walter...”

“Acho que felicidade é mais ou menos isso: viver dois grandes amores, sendo um impossível”.

Na primeira frase, título da crônica de Manoel Carlos (cf. anexo p.121) a palavra *impossível* funciona como núcleo do sintagma nominal. Esta palavra, ainda que possa desempenhar mais de uma função sintática, estabelece limites muito pouco claros entre as classes de palavras comumente denominadas de adjetivo ou substantivo. Na unidade lexical *impossível amor*, a palavra *impossível* não perde as características da função adjetiva, a anteposição mantém o valor apreciativo, mais subjetivo, comum aos adjetivos qualificadores acompanhados de substantivos abstratos.

Com a anteposição, o autor parece querer brincar com as palavras com o objetivo de referir-se aos jogos do amor: o *impossível* amor, amor teimoso, amor levado. A crônica descreve a situação de casais que se conhecem e trocam seus parceiros entre si, sem que um tenha conhecimento da relação com o outro. Se o jogo é perigoso no amor, nas palavras configura-se a liberdade de poder brincar e alterar seus significados.

Nas demais frases utilizadas pelo autor, a palavra *impossível* assume o potencial funcional de modificador, a qualificação dá o caráter mais descritivo e objetivo do tipo de amor, ou seja, de sentimento que não pode existir em sua plenitude.

Submeter o ensino de línguas a regras é considerar a linguagem como um sistema abstrato distante da prática. O autor da crônica recorre a estratégias de polidez para tratar de um assunto delicado. Em vez de falar de traição, é mais ameno falar de amor impossível. Desta forma protege-se a própria face e a do interlocutor ao tratar de um assunto delicado.

Nesta seção vimos, basicamente, o comportamento dos adjetivos que em função adnominal provocam interpretações semânticas diferentes quando se apresentam em posição anteposta ou posposta. Ademais, podemos perceber que a simples utilização de um artigo definido ou indefinido, por exemplo, não é um recurso suficientemente esclarecedor para determinar se uma palavra pertence às classes gramaticais, que tradicionalmente denominamos de substantivos ou adjetivos.

No próximo capítulo, apresentamos nossas considerações finais acerca deste trabalho, citando os pontos principais, alguns resultados obtidos e possíveis contribuições para os estudos da “classe” dos adjetivos.